

REPRESENTAÇÕES DE INFÂNCIA NO CONTO *BIRUTA*, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Francimília Cardoso de Barcelos
francimiliabarcelos@hotmail.com
Prof.^a MSc. Maria Edinete Tomás
editomas@hotmail.com

Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA

A infância vem sendo representada nas obras literárias sob diferentes perspectivas desde que a criança começou a ser vista como parte de um grupo específico na sociedade burguesa. O conceito de infância é cultural, por isso sujeito a novas compreensões decorrentes das constantes transformações que ocorrem na sociedade. Diante dessa prerrogativa, este trabalho objetiva mostrar as representações da infância no conto de Lygia Fagundes Telles, “Biruta”. Tem caráter analítico e apoia-se em pesquisa bibliográfica. Foca a figura de Alonso, personagem central, observando-o em sua condição de criança e com base no modo como os adultos o tratam. Segundo Regina Zilberman (2003), somente no século XVIII, a criança é colocada no centro das considerações e isso se dando no contexto da família burguesa europeia. Inicia-se aí a valorização da infância enquanto faixa etária e estrato social, configurando o que Peter N. Stearns (2006) chama de modelo moderno de infância. Na Idade Média e início da Idade Moderna, de acordo Phillip Ariès (1981) e Stearns (2006), a infância era negada às crianças, que se formavam no convívio direto com os adultos e sendo tratada como adulto em miniatura, mas destituída de direito e de representatividade social; traços do que ficou conhecido como modelo pré-moderno de infância. Na sociedade burguesa, a criança, vista como ser frágil, inocente, passa a depender do adulto, que lhe reconhece como ser social com direitos básicos tais como a segurança e o afeto da família e educação escolar. Lembra Zilberman (2003) que nas famílias economicamente menos privilegiadas, nem sempre a criança chegou a usufruir de tais direitos. O conto “Biruta” encontra-se no livro **Histórias Escolhidas**, publicado em 1961. Retrata a infância pobre e sem afeto humano de Alonso, acolhido por uma senhora apenas para lhe servir nas atividades domésticas mais humildes. Em sua vida de trabalho e privações, o menino conta apenas com o afeto de um cachorro, Biruta, cujas travessuras irritam a dona da casa que sempre castiga Alonso, inclusive, chegando a afastá-lo, em definitivo, do animal de estimação. O contexto de vida do menino, o modo como ele é tratado pela senhora e pela empregada dela, lembram o que dizem Ariès (1981), Stearns (2006) e Zilberman (2003) sobre o perfil da infância negada, quando, tão logo pudesse, a criança era incorporada ao mundo do trabalho. Alonso não possui família, não estuda, não tem lazer algum, não interage com outras crianças, não tem com quem dialogar e de quem



receber afeto, acha-se, pois, totalmente à merce da mesquinhês de um adulto e desassistido pela sociedade. E isso se agrava com o perfil que o narrador heterodiegético faz de Alonso: é uma criança frágil, sempre dócil, obediente e um tanto ingênua, o que facilita e agrava o processo de domínio do adulto e o descaso social no qual a criança vive. Essa realidade corresponde ao que diz Marisa Lajolo (2011, p. 233) sobre as muitas vertentes da literatura brasileira, que revelam “[...] a presença significativa de crianças ao longo de suas páginas, quase sempre em scripts que invertem radicalmente a representação idílica da infância casimiriana, substituindo a visão ingênua e idealizada, por imagens amargas e duras.” Logo se percebe que a imagem romântica de infância feliz não se harmoniza com o modo de vida de todas as crianças, especialmente em decorrência da dominação histórica que o adulto vem exercendo sobre elas por meio de diferentes recursos e estratégias. Percebe-se também o quanto a literatura pode ser veículo de denúncia ao representar, por meio da ficção, essa realidade.

Palavras-chave: Criança. Representação da Infância. Literatura.